ANO 2.º LISBOA--QUARTA-FEIRA, 14 DE MARÇO DE 1923 N.º 593

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIROA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e officinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 119

PASSA agora o centenario de Bauville, o dôce Theodore que ensinava os homens do seu tempo, quando as tempestades estalassem dentro do cerebro, a colherem rosas. Nascido poeta e morto poeta, dentro da poesia ele não quis ser nunca outra coisa que não fôsse o tangedor de rimas, trovador de ironias, filosofo das coisas infinitamente amaveis. Foi o poeta da voluptuosidade, sem ter sido o poeta da luxuria. Para ele toda a beleza residia na forma e todo o encanto da vida estava nas coisas frageis. Um ramo de loureiro, um repuxo, a aza de uma andorinha. O sol e o bom humor. Se soube o que foi a desgraça—nunca o confessou. Quando se diz: Theodore de Bauville, ouve-se logo cantar as fontes e sobem a nós os arômas dos lilazes. O centenario que passa agora, lembrando-nos um belo poeta esquecido, tem o condão de nos pôr diante dos olhos um parque maravilhoso de frescura sem misterio, e onde as mulheres passaram todas sob a forma de pétalas de rosa.

* * *

DEVE chegar ámanhã a Lisboa o nosso querido camarada de imprensa sr. Acurcio Pereira, que, representando o *Diario de Noticias* no Brasil á quando da viagem presidencial, distintamente se desempenhou dessa missão, tendo realizado depois, em Buenos Aires e no Rio de Janeiro, varios trabalhos jornalisticos e conferencias, em que se houve com muito brilhantismo.

* * *

O DR. Bernardino Machado visitou ontem o dr. Brito Camacho em sua casa.

* * *

O SR. Rodrigues Gaspar, que ontem sob o pretexto de doença não assistiu ao Conselho de Ministros, tambem hoje não esteve no Conselho, que se realizou no seu ministerio, tendo saído, porêm, de casa cedo. O boato de demissão do ministro tomou assim consistencia, dizendo se que o negociador do *modus-vivendi* estava desgostoso pelo facto de o Parlamento não se ter limitado a aprovar pura e simplesmente a moção de confiança, tendo, pelo contrario, votado a do sr. Paiva Gomes, que continha certas restrições.

* * *

O TEATRO do Estado dá hoje a reaparição da peça historica *O Viriato*, do sr. Luna de Oliveira, com cuja montagem a administração e a sociedade artistica do Normal realizaram um belo esforço de arte.

* * *

O SR. Norton de Matos, alto comissario de Angola, vem á Metropole no proximo mês de maio.

* * *

O MINISTERIO das Colonias, cujo funcionalismo se anunciou que estava fazendo uma greve de braços caidos, teve hoje um movimento desusado pelos corredores. Alguns Ministerios—disse-se—entre eles o da Instrução, pretenderam estabelecer tambem o regimen de greve pela paralização dos serviços. A maior parte do pessoal, comtudo, não vê com simpatia este protesto, porque o considera de gravoso aspecto moral.

* * *

O SR. dr. Augusto de Castro, ilustre director do *Diario de Noticias*, segundo nos consta, teria feito saber aos seus amigos pessoais que não é pretendente á legação de Portugal em Paris.

REPRESSÃO

A carestia da vida tem aspectos multiplos e duma complexidade tal, que não devem bastar, para a vencer, procedimentos cuja determinante enferme das precipitações do desespero. As inteligencias equilibradas afirmam-se sobretudo pela serenidade com que sabem agir na hora do perigo, alheiando-se das enganosas preocupações que soem induzir em erro, para apenas visarem a alta finalidade do interesse colectivo.

Anunciam-se agora, em certo tom de violencia, medidas que ponham termo á situação de angustia em que todos nos encontramos. Quando os espiritos se exacerbaram por uma longa provação, a violencia dos governantes são as vitimas que a presupõem. Porque não é de violencias, no sentido extremista do termo, que se trata; porque nem mesmo haveria desaprumo de estadista capaz de pretender sanar um mal grande com outro maior ainda, provocando a morte do enfermo com o revulsivo da cura.

Nada disso. O que se procura—e o empreendimento só aplausos merece—é acabar com um estado de coisas cuja gravidade se tornou axiomatica, fazendo justiça dentro dos codigos, respeitando os direitos de cada um dentro do respeito que a todos se deve, e dentro da liberdade que a todos pertence.

E se isso se conseguir, já a situação sofrerá melhora; porque, onde a lei impera, basta que a justiça se exercite para que as consciencias se tranquilisem e para que os criminosos se saibam extremamados das pessoas de bem.

De resto, como poderia qualquer governo tratar com excessos de punição uma classe apenas, atribuindo-lhe o exclusivo da responsabilidade na crise da hora decorrente, se essa crise bem pode ser a resultante necessaria de uma serie de culpas, passadas e presentes a que nem os proprios governantes se eximiriam, talvez, feito um exame de consciencia rigoroso das causas e dos efeitos, que são a sintese desta tortura em que nos vemos?

Não. Basta que se faça justiça. Não é preciso atentar contra os direitos de ninguem. O que é preciso—porque a opinião publica começou já a descrer da sinceridade e da eficacia das medidas de proteção geral que de vez em vez surgem—é evitar que as providencias governativas de agora venham a redundar, pela sua inutilidade pratica, em mais uma desilusão cujas consequencias não sabemos até onde poderiam chegar.—*X*.

OLHANDO O FUTURO

—Sou um excelenté partido, minha senhora. Case comigo que eu quando morrer deixo mais de um milhão...
—E pensa viver muito tempo?

BARCELONA regressou á normalidade—dizem os jornais de Madrid. O famoso sindicalista «Noy del Sucre» encontrou a morte ingloria numa esquina traiçoeira da cidade condal.

Um jornal operario, condenando em termos violentos o atentado, escreve o seguinte:

«Que o sangue do nosso amigo não cause mais sangue senão o indispensavelmente necessario; saibamos aguardar uma hora, um dia, uma semana, um mês.»

Por mais que pareça extranho, é sob esta capa vermelha de violencia e de crime que se afirma, pujante, a vitalidade da Espanha.

* * *

REALIZA-SE ámanhã, ás 5 da tarde, a quinta conferencia no Salão Nobre do Teatro Nacional, sendo conferente o sr. Aquilino Ribeiro, que falará de Anatole France, o mago encantador do «Jardin d'Epicure», o psicologo tranquilo do «Lys Rouge», dizendo-nos simultaneamente o que ha de caracteristico nas preferencias e gostos pessoais do grande joalheiro da palavra. Aquilino Ribeiro, prosador de altos recursos, artista de rara sensibilidade, vai dar-nos na sua conferencia dois maravilhosos quadros de museu.

* * *

O REI do Aço, que andou em viagem de estudo pela França, regressou já á America. M. Schwab vai satisfeito com o que viu e ouviu. Declarou mesmo que vai estudar a maneira de poder ser util á França. A utilidade da sua realesa está na razão directa do seu peculio de dolares.

* * *

E' ÁMANHÃ afixado nas esquinas o edital sobre a carestia da vida. E' o novo decreto do ministerio da Agricultura. Segundo nos consta esse diploma é a regulamentação do decreto do ex-ministro da Justiça, dr. Catanho de Menezes.

Promove-se a investigação.

* * *

O DEPUTADO sr. dr. Ferreira de Mira, que na sessão de ontem, analisou o parecer sobre o novo acôrdo com a Companhia dos Tabacos, demonstrou, baseado numa longa documentação, a insubsistencia do projecto. Declarou que, a três anos da data em que finda o actual contracto, a Camara não podia votar fôsse o que fôsse que obrigasse o Estado a qualquer regime futuro, para que assim ámanhã possa escolher entre a liberdade de manipulação e venda, á *régie* de um novo contracto com a actual ou com outra companhia que viesse a constituir-se. O sr. dr. Ferreira de Mira afirmou que o decreto de 1918 era menos vantajoso para o Estado do que o de 1906, mas que o projectado acôrdo de agora ainda menos vantajoso era, terminando por mandar para a mesa uma moção em que propunha que o projecto baixasse novamente á comissão de finanças para ser inteiramente remodelado.

Esta famosa questão dos Tabacos, que já está nos anais da nossa vida politica e parlamentar, parece assim renovar-se nas suas modalidades complexas. O que se vê pela analise do discurso do deputado por Santarem, é que a questão, tal como está posta é melindrosa, e bem faz a Camara se a fizer baixar de novo á Comissão de Finanças.

* * *

O SR. dr. Brito Camacho assistiu hoje ao Conselho de Ministros.

Pelo "sport"

JUNTO DAS REDES

A Hungria bate a Suissa

Perante 8:000 espectadores, a Hungria bate a Suissa, no passado domingo, em Lausanne, por 6 «goals» a 1.

A grande derrota suissa foi devida a falta de velocidade e especialmente a um jogo feito sem convicção. Os hungaros não tiveram um momento de descanso, dominando admiravelmente a bola. A sua «équipe» era colossal, muito superior á suissa em todas as linhas.

Ao quarto minuto de jogo Molnar, do M. T. K., marcava o primeiro ponto para a Hungria. E até ao final da primeira parte os hungaros impuzeram-se, sem grande esfôrço.

No segundo «half-time» a inferioridade dos suissos acentuou-se. Ao decimo minuto Orth, do M. T. K., obtem o segundo «goal» da sua «équipe», que volta a marcar ao decimo segundo minuto, pelos pés de Molnar; e ao decimo setimo, por intermedio de Orth.

O onze suisso salva a honra, um quarto de hora antes do fim, e a Hungria consegue ainda meter mais dois «goals».

Os hungaros fizeram um jogo duro e a arbitragem foi muito discutida: os suissos queixam-se de que ela foi indecisa e pouco severa.

ESGRIMA

Taça Instituto de Agronomia

Realisa-se no proximo domingo, pelas 14 horas, a disputa da «Taça Instituto Superior de Agronomia», entre as Escolas Superiores de Lisboa.

Sabemos que estão inscritos numerosos atiradores, sendo, por isso, de prevêr que a prova decorra com grande animação.

PELOS CLUBS

Uma festa no Sport Lisboa e Bemfica

No proximo sabado, realisa-se no salão de festas do Sport Lisboa e Bemfica, uma recita por amadores do club, seguida de baile.

A marcação de logares encontra-se aberta na secretaria do club, todas as noites, das 21 ás 23 horas.

COLISEU DOS RECREIOS

Ámanhã — grandiosa «matinée»

SERTANEJO

PREPARADO BRASILEIRO

Licôr depurativo vegetal — O mais poderoso destruidor das «avarias da mocidade» — SIFILIS E REUMATISMO em geral — Aprovado pela Directoria de Saude Publica do Rio de Janeiro — A' venda: Farmacia Portugal, rua Augusta, 216, 218; Farmacia Tasso, Lda, rua Actor Taborda; Drogaria Pires Tavares, rua 1.º de Dezembro, 128, 130

DEPOSITARIO GERAL EM TODO O PAIS, ILHAS, COLONIAS E ESPANHA

CLODOVEU MENDES

RUA ARCO DO BANDEIRA, 70, 3.º

TELEFONE C. 36

ACEITAM-SE AGENTES

REPARAÇÕES ELECTRICAS

REPARADORA ELECTRO-MECANICA, LIMITADA

TELEF.: N.-4432

R. TRINDADE, 18-A, 26

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

ORIGINAIS PORTUGUESES

A VIDA DE UM RAPAZ GORDO

ANDRÉ BRUN

DIZ-NOS O QUE É A SUA NOVA PEÇA

Tendo que escrever uma peça para uma companhia, cujo primeiro elemento masculino é Chaby, scismei qual seria a que esse comediante, tão curioso debaixo de varios aspectos, melhor poderia sentir e, portanto, interpretar. Ora Chaby é gôrdo, um pouco gôrdo de mais. Julgo poder dizê-lo sem revelar um facto novo, nem ser desprimoroso para com o artista meu camarada, desde o tempo em que recitava *O estudante alsaciano*, de capa e batina, e em recitas de estudantes. Veiu-me, pois, ao espirito descrever a aventura sentimental de um rapaz exuberantemente gôrdo, que, um dia e por acaso, como essas coisas sempre acontecem, viesse a apaixonar-se por uma rapariga, que muito longe estivesse de poder admitir essa paixão por variadas razões e principalmente por ela propria andar presa de amores a um rapaz da sua edade, leve e vaporoso, que, na ansia de gosar a vida que se lhe oferece florida e facil, a fizesse terrivelmente sofrer. Eis aí a minha peça. Tem três actos e, começada num hotel duma praia cêrca de Lisboa, onde se hospéda uma *tournée* teatral—a minha heroina principal é societaria do teatro Nacional—continua em casa do rapaz gôrdo para terminar no palco da Casa de Gil Vicente, durante uma representação. Não é a primeira vez que o publico terá ensejo de vêr um palco por dentro. Bataille, em *Le masque*, Rotschild, em *La rampe*, Schwalbach, em *Os postiços*—cito apenas estes—já pozeram em scena, á vista da plateia, o mundo dos bastidores, curioso para quem o não conhece. Vinha a proposito que situasse num palco um acto da minha peça e fi-lo.

* * *

A vida de um rapaz gordo é um drama? E' uma comedia? E' as duas coisas. E' a vida, a vida de todos os dias, a que temos ensejo de observar, uma amalgama constante de serio e de ridiculo, de tragico e de jocoso. A miude uma creatura em cujo intimo se trava um conflito moral ou sentimental da maior violencia, se encontra baralhada com outras, que, ou por ignorarem o caso que a interessa ou por o verem segundo a sua mentalidade e a sua disposição de espirito, se exprimem ácêrca dêle e o sentem de um modo totalmente diverso da figura principal.

A vida é assim. E, se assim é, porque não havemos de tentar pinta-la com verdade no palco e no livro, em vez de a torcer para lhe fazer dizer, não o que ela na realidade nos conta, mas o que nos convem, por qualquer motivo, que diga? para que havemos de a fazer mais sombria do que ela é ou para que havemos de afivelar uma mascara de perpetua alegria a quem, por triste condição da naturesa humana tem inevitaveis horas de amargura?

A gente de *A vida de um rapaz gordo* é gente de todos os dias. Nada dizem e nada fazem de extrordinario as figuras da minha peça, no entanto passam nos seus actos três antenticas tragedias: a de Sancho Barradas, a de Ricardina e a de Vicente Peixoto, tragedias simples e irmãs de muitas que vão pelo mundo e todos nós temos ensejo de presenciar. Tudo se resolve afinal tranquilamente, pois, na vida, as resoluções violentas são, apesar de tudo, e felizmente, uma excepção. Quasi todos os nossos dramas de trazer por casa acabam discretamente em rabo de peixe, quando, porventura, não têm desfechos de farça, o que é vulgar tambem.

* * *

O que julgo da minha peça? Que é a mais reflectida e a mais consistente das muitas e variadas que tenho escrito. Ha nela a pintura pitoresca de um meio que conheço sofrivelmente: o meio de teatro e o estudo sem pretensão de alguns casos da vida que me foi dado observar. Como não defendi especialmente nenhuma tese, não tive que tirar conclusões e creio que não ofenderei, portanto, a opinião de ninguem. Espero comover, aqui e além, os que ouvirem os meus três actos. Devo prevenir com lealdade os que para eles fossem na esperança de—como se diz vulgarmente—«encherem o papinho de riso»,—que, em certos pontos, apontei naturalmente á glandula lacrimal do espectador. Não tenho a pontaria muito adéstrada nesse sentido; mas o éxito de algumas das minhas paginas sentimentais dá-me a esperança de ser menos mal sucedido.

De resto, para me ajudar a interessar a Critica e o Publico, conto muito, como é legitimo, com a colaboração dos meus interpretes, para os quais escrevi propositadamente. Espero que todos me sirvam com boa vontade e dentro dos limites dos seus papeis e dos seus meritos.

De entre eles, cumpre-me destacar, num antecipado agradecimento, Cremilda de Oliveira, porque tem sido sempre a excelente camarada de ha muitos anos, porque é a festejada desta noite, e Chaby Pinheiro, pois que vai ser mais uma vez o meu principal interprete masculino e protogonista da minha peça.

Para eles ambos,—como, de resto, para todos os outros,—escrevi papeis, dentro dos quais cuido que se devem sentir á vontade. Se assim não fosse, restar-me-hia lamentar, ou que me não tivessem compreendido, ou que eu tivesse sido infeliz no meu intento de utilizar o melhor possivel os seus talentos consagrados para procurar um exito que, não só lhes fosse grato sob todos os pontos de vista, mas tambem contentasse o autor, rapaz magro com quem todos nós simpatizamos.

André Brun

POLITEAMA EMPREZA LUÍS PEREIRA Tel. 3026 N.

COMPANHIA REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO

Ás 21,30 — O episodio historico, trabalho explendido de AMELIA REY COLAÇO

A RIBEYRINHA

LINDO SCENARIO LUXUOSO GUARDA-ROUPA DE CASTELO BRANCO

Sexta-feira, 18 — Recita dos autores

DOMINGO, 18 — Grande concerto extraordinario, pela ORQUESTRA SINFONICA DE LISBOA

Festa do seu regente maestro FERNANDES FÃO

MOEDAS E NOTAS

DE TODAS AS NACIONALIDADES

LIBRAS E MOEDAS DE OURO

PANCADA, MORAES & C.A

RUA AUGUSTA, 37 (esquina Rua São Julião)

OPERAÇÕES DE CAMBIO, CREDITO E BOLSA

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras

Marquesa de Penafiel, D. Maria Rosa de Luz Teixeira de Mendonça, D. Maria da Piedade Valdez Briffa, D. Josefa da Cunha Figueiredo da Tavarede Osório Teles, D. Lucy Pinto Basto, D. Maria da Conceição de Carvalho, D. Fernanda Maria Cardoso Lopes e D. Iéte Pessanha do Nascimento Ramos.

E os senhores:

Dr. Frederico Schiesler Franco de Castelo Branco, dr. Antonio Maria Alcoforado, dr. Alvaro dos Reis Torgal, Afonso de Vale Coelho Pereira Cabral, Osorio Teles da Silva (Tarouca), dr. João Calvet do Magalhães Marques da Costa, Damião da Cunha Goes Sotto Mayor du Bocage, Armando Pereira, Alvaro de Faria e José Tavares.

Casamentos

Na paroquial igreja de S. Jorge de Arroios, realisou-se ha dias o casamento da senhora D. Inês Sanches Dias com o sr. Luiz José Gabriel dos Santos, tendo servido de madrinhas as senhoras D. Eugénia Morais Pais e D. Alice Maria Santos e de padrinhos os srs. Artur de Abreu Ferreira e José Luiz dos Santos Junior.

O acto religioso foi celebrado pelo rev. cosego Martins Pontes, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Os noivos partiram para o norte, onde foram passar a lua de mel. Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas e artisticas prendas.

—Está justo oficialmente o casamento da senhora D. Celia Manuela de Figueiredo Ribeiro Parreiral, interessante filha da senhora D. Alice de Figueiredo Parreiral e do sr. João Ribeiro Parreiral, com o sr. José Manuel Carvalho dos Santos, filho da senhora D. Matilde Sena Carvalho dos Santos. O casamento deve realizar-se ainda este ano.

—Foi pedida em casamento, pelo sr. Francisco Alves Gomes de Carvalho, para seu filho, distinto medico na Lourinhã, sr. dr. José Alves Gomes Leal, a senhora D. Margarida Maria da Cunha Santos, interessante filha da senhora D. Margarida do Rosario da Cunha Santos e do sr. Francisco dos Santos Bernardes. O casamento deve realizar-se ainda este ano.

Baptisados

Ha dias realizou-se na paroquial igreja da Encarnação, o baptisado de uma filhinha da sr.ª D. Amelia Lucas Torres Farinha e do sr. Augusto Carlos Farinha. Serviram de madrinha a avó materna sr.ª D. Palmira Lucas Torres e de padrinho o bisavô materno sr. João Romano recebendo a gentil criança o nome de Maria de Lourdes.

A caridade

Recita de amadores

Amanhã, quinta feira, ás 5 da tarde, ha ensaio na Liga Naval da engraçada comedia «Sua Excelencia», pedindo a ilustre comissão organizadora a todas as pessoas que desempenham os papeis principais o favor de não faltarem.

Recitas elegantes

Na proxima sexta-feira realiza-se no Politeama a festa dos autores da peça historica «A Ribeyrinha» João Correia de Oliveira e Francisco Lage, que tanto exito está obtendo neste elegante teatro.

Para essa noite sabemos que estão desde já feitas numerosas combinações entre as principais familias da nossa aristocracia.

Pontos de reunião

No Coliseu dos Recreios

Assistencia elegante á recita de segunda feira:

Condessa do Monte Real, D. Branca de Sommer de Andrade, D. Filipe de Sá Pais do Amaral Coelho, D. Maria Constança Berquó de Mendonça Feyo Folque, D. Palmira Diogo da Silva de Sommer, D. Cristina Cordeiro Ferreira Roquete, D. Maria da Luz Chatillon, D. Albertina de Carvalho, D. Ana Sommer de Carvalho Osorio, D. Mary Maury de Melo (Sabugosa), D. Carolina Teixeira Pereira, D. Mariana Gonçalves, D. Luisa e D. Maria de Araujo Sommer, D. Fernanda de Sommer, D. Ilda de Magalhães Pedroso, D. Manuela Pinto Basto, D. Adelaide e D. Eulalia Pereira, D. Mario Adelaide de Oliveira, etc., etc.

Agenda

A nossa sociedade elegante dará «rendez-vous» amanhã de tarde nas «matinées» do Coliseu dos Recreios, Salão Foz, Chiado Terrasse e Cinema Condes e á noite na recita da moda no Eden Teatro, com a linda opereta «O Fado».

Em viagem

De Nice regressou á sua casa em Portalo de Cambres, o sr. João Perfeito de Magalhães.

—Partiu de Guimarães para a Foz do Douro, o sr. Antonio Leite de Castro.

—De Oliveira do Conde partiu para Coimbra o sr José Monteiro Freire de Carvalho e Albuquerque.

TONICO RACIONAL E SCIENTIFICO

Superior aos similares estrangeiros e nacionais

Usado pessoalmente pelos nossos primeiros medicos

CURA A

Tuberculose, Anemia, Falta de forças e de apetite

Farmacia Formosinho

18 — Praça dos Restauradores — 18

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

NACIONAL HOJE ás 21,30
Formidavel successo
VIRIATO
A PRIMA D'OLIVEIRA
Viriato, por Rafael Marques; Rainha, por Laura Cruz; Hermínia, por Maria Vasconcelos.
Os principais papeis masculinos por Clemente Pinto, Luis Pinto, João Lopes e Joaquim de Oliveira.
Sabado, 17—Festa artistica do actor
Rafael Marques
«Viriato» de Luiz de Oliveira
«O Passado» de Bento Mantua

EDEN-Teatro
HOJE — Ás 21 horas — A representação da opereta genuinamente portuguesa
O FADO
A peça que chama mais a concorrencia de todo o Lisboa. Optimo desempenho de toda a companhia
AVISO — Suspensas as entradas de favor
A' tarde — Recita de homenagem aos felizes autores da opereta O FADO — Noite de festa — Aviso: Não se faz passagem, todos os bilhetes á venda na bilheteira.

Até tira nodoas das mãos o raio da POLIRINA!!

A Companhia José Ricardo no Apolo

Espectaculo artistico e da maior sensação, pelo encanto da peça e pelo notavel agrupamento artistico, que a interpreta, é o do Apolo, com *Os Fidalgos da Casa Mourisca*, interpretados pela esplendida Companhia José Ricardo. Após uma série já avultada de audições o Apolo continua a encher á cunha todas as noites, e na elegante sala do teatro, resoam, vibrantes e entusiasticos, os aplausos a todos os artistas, entre os quais, brilhantemente, se distinguem Brasão, o glorioso artista, José Ricardo, o incomparavel actor, Maria Matos, que tanto se faz apreciar, pelo seu talento inconfundivel e Ilda Stichini, que sendo a primeira ingenua do teatro português na atualidade, tem, no papel a seu cargo, largo ensejo de patentear as suas admiraveis condições scenicas. Hoje, no Apolo, repete-se *Os Fidalgos da Casa Mourisca*.

COLISEU DOS RECREIOS
As grandes maravilhas da época

AMOSTRAS GRATIS

VENDE-SE EM TODA A PARTE
Solano
DEPOSITARIOS
FIGUEIREDO & TELLES, L.da
RUA ALVES CORREIA, 45, 1.º
TELEFONES 3156 e 3697-N.
TELEGRAMAS: FITELES
LISBOA

RUA DO AMPARO
A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 2543

LIVROS NOVOS

HESPANHA

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

Transcreve-se o capitulo "Saudade"

Ora comigo viaja alguém que surge á meu lado, logo que, ao passar a primeira fronteira, pouso meus estranhos pés de português no desconforto moral do chão alheio; — logo que me ponho a olhar, com as pupilas alongadas e carregadas de pesadume, para a terra patria de quem me separo, que deixo atraz de mim, e lá fica distante... Então, a tal personagem instala-se coladamente a meu lado e, como a alma da minha propria sombra, jámais me deixa... Não veste de negro

«... vêtu de noir,
qui me ressemblait comme un frère.»

como aquela outra da «*Nuit de Décembre*, de Musset. A côr das suas roupas, que no esfumo das aparições não distingo, deve ser o pesaroso lilás sombrio que é luz de meio dó; mal sorrindo num orvalho de lagrimas choradas sem amargura... Semelhante tinta, porém, não a vêem meus olhos, mas pressente-a meu pensamento anuviado de roxas nostalgias, pois esta companheira pungente de cá de fóra é aquele sentimento entre nós bem conhecido da mágoa da ausencia que se chama Saudade — parte crepuscular da nossa alma que se dói com a relembrança, e pena no afastamento... Sua bôca é silenciosa; seu olhar, derramado...

* * *

De geração perdida no fundo da raça, seus nevoentos pais são a Distancia e a Ausencia. Espirito de bruma, frio como a essencia dos nevoeiros, deve ter nascido da linha dos horizontes do mar chão, longe, de onde a Terra deixada, e que já mal se avista, é como fuminho a sumir-se, esperança a perder-se...

Deve ter nascido da margem de lá de um larguissimo rio onde, além, ficou uma mulher querida cuja figura, ao afastarmo-nos dela no barco dolorosamente lento que nos traz, vimos vendo a dizer-nos adeus, a acenar-nos; e quanto mais ela vai diminuindo, e seu lenço se apaga, tanto mais a nossa saudade vai aumentando, aumentando, e a criatura amada a tornar-se pequenina, pequenina, até se esvair, se dissolver na distancia... E a agonia dos adeuses de lá e dos adeuses de cá, ao encontro suspiroso uns dos outros, funde-se no ar que nos separa num crepusculo de morte...

A alma da Saudade deve ter sido gerada nas curvas das estradas em que, na partida, se deixou de ver a aldeia natal que deu os primeiros brinquedos de ilusão ás nossas pupilas infantes; na ultima volta do caminho sobranceiro ao vale onde, na colina, entre arvores, branqueia o casal que sempre foi nosso e dos nossos... Oh, curvas das estradas, oh, curvas da Vida, para traz das quais nos ficam almas queridas e amadas ilusões!...

A Saudade nasceu muda: mas seu silencio pesa no nosso espirito como luz difusa e baça de dia trovoento. Seu olhar é parado: mas a fisionomia do seu pungir vara-nos a alma de lado a lado. Outras vezes, fita em nós seus femininos olhos de «Senhora da Soledade», e então a nossa alma coalha-se num lago de aguas mortas, onde voltejam, á superficie, brumas de rondas de recordações para as quais estendemos os braços ansiosos, mas que nossas mãos não atingem, tão de fumo é o corpo das coisas idas, tão longe de nós elas estão... Mas se essas imagens grises se debruçam sobre a nossa alma, então todo o ar se torna pardo, e sente-se uma chuvinha miuda e cinzenta a pingar, a pingar em nós, em silencio desolado, em moinheira triste, invadindo-nos, nevoentando-nos, amolecendo-nos...

* * *

Impertinente companheira esta que nos empana a claridade das ruas joviais das grandes cidades estrangeiras, cheias do freimar da multidão atarefada e murmurosa; que cobre com gaze de cinza-violeta as côres das alegrias estralejadas dos espiritos sãos e estraga o prazer novo das viagens que nos aceiram os musculos, nos higienizam a alma. Aborrecida companheira que nos desvia os olhos da realdade cantante da hora presente das paragens em festa que estamos vendo, e nolos melancoliza e arrasta para o que está distante — lá na nossa terra. Importuna companheira que, em pleno «boulevard», tumultuoso de movimento, estravasado de vida gaia e ruidosa, nos toma o braço e nos leva daí aos cantinhos de terra lusa, até junto dos nossos, reunidos, lá muito longe, na lareira rustica, á volta de um borralho de brasas esmorecidas pelas penas de quem fita nelas as queixas dos olhos que pensam em seus ausentes... | E que presas de aço tem este aceno de fumo! E' que esta voz que nos chama, tambem já foi chamada por outrem, em horas de sua ausencia do cantinho natal. E os soutos, os carvalhidos, os olivais, os pinhais, amigos, por cuja sombra fiel suspiramos, quando cá do desconforto moral da terra estrangeira deles nos lembramos, tambem já foram suspirados por outros que vivem ainda em nós... Assim a Saudade é um longinquo aceno que vem do Passado; uma voz de sangue a sangue, de animo a animo — voz distante dos nossos vivos, voz profunda dos nossos mortos...

* * *

¿Será a Saudade portuguesa uma nostalgia antiga que as nossas almas ternas herdaram dos marinheiros que iam nas caravelas da India e deixavam os seus em aldeias estremenhas, minhotas, beiroas ou para de traz os montes?

¿Será este apêgo a gostar só do que é seu e cujo afastamento logo causa nostalgicas dores, um gasto romanticismo amolentador da vontade, peando quem precisa e deve de palmilhar o mundo para o conhecer e conquistar?

¿Será um entorpecedor quebranto que nos açapa numa porção limitada da Terra, como concha colada ao seu penedo, ou como tourão contumaz no seu buraco, fazendo do mundo inteiro unicamente aquele bocadinho em que se vive?

¿Será pernicioso sedentarismo? Será habito inveterado? Será individualismo estreito, confiado em curto horizonte, onde o espirito se não dilata, por não se renovar o ar respirado? Será inaptidão para a descomodidade que, por vezes, as viagens apresentam? Será pobreza de alma restrita de simpatia? Será impotencia de amor universal? Será incapacidade de expansão humana? Será uma alma em estacionamento de Tempo e em quedamento obstinado de Espaço?

Sim, póde ser um pouco de tudo isto, sem, aliáz, a Saudade deixar de ser uma «generosa paixão» de amor purissimo que vive para além do amor que temos aos pais, aos filhos, á esposa; para além do amor a nós proprios; para além do amor á nossa propriedade, pois tudo na alma do saudoso é amor amplo aos vários seres da nossa raça, ás diversas coisas do nosso canto, amor baldio á terra de todos e de ninguem, amor que vem de traz e vai para além, que vem de longe e vai distante, que é passado e é futuro, amor da grei, do torrão, da tradição — espiritual e orgulhoso amor da Patria!

¿Será isto a Saudade?

TEATRO SÃO LUIZ
Hoje e ámanhã
não ha espectaculo, a fim de se activarem os ensaios do novo original português da temporada, a opereta de D. José Paulo da Camara e Luna de Oliveira com musica de Filipe Duarte, intitulada
A PRIMA INGLESA
cuja primeira representação se realisa na noite de sexta-feira, 16, em festa artistica de AUZENDA DE OLIVEIRA. Bilhetes á venda

TEATRO SÃO LUIZ
RECITAL
por Marie-Antoinette AUSSENAC
PROGRAMA
Primeira Parte:
1 — «Sonata quasi una fantasia em dó sustenido menor», op. 27, n.º 2, Beethoven.
2 — «Trez estudos», Chopin.
Segunda Parte:
3 — «Trez preludios», op. 103 (1.ª aud.), Fauré.
4 — «La Fileuse», (1.ª audição), Fauré-Cortot.
5 — «Adeus, minha terra!», Vianna da Motta.
6 — «Triana», Albéniz.
Terceira Parte:
7 — Variações sobre um tema popular russo, (1.ª audição), Rimsky-Korsakoff, Winkler, Blumenfeld, Gokolow, Whithol, Liadow, Glazunoff.
8 — «O ginete de Pierrotzinho», (1.ª audição), Vila-Lobos, compositor brasileiro.
9 — «Estudo n.º 4», Paganini-Liszt.
10 — «Valsa de concerto», Glazunoff.
Piano «Bechstein» da Casa Heliodoro de Oliveira

DETECTIVE
Vigilancia de pessoas e investigações comerciais. Trata-se com seriedade, sigilo e economia. Dão-se referencias.
Posta Restante, C. Castro, Lisboa.

Laboratorios de Farmacia
Instituto Pasteur de Lisboa
◂LYOL▸
(Topico oxygenado)
CURA:
FERIDAS — ULCERAS
FURUNCULOS
ERUPÇÕES DE PELE
FARMACIAS:
LISBOA — R. N. do Almada, 88
PORTO — R. dos Clerigos, 36

LÃS DE COR EM FIO PARA MALHA, A PREÇO DA FABRICA
Fazendas de lã para fatos, sobretudos, abafo de vestidos de senhora, *a preços da fabrica*
VENDEM-SE NO
DEPOSITO DA COVILHÃ
ROCIO, 93-2.º ANDAR

MAQUINAS DE ESCREVER
NOVAS e usadas. Reparações e reconstrucções garantidas. Accessorios. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 4225. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

PEÇA-OS EM TODA A PARTE

OS MAIS LINDOS FATOS, VESTIDOS E SOBRETUDOS
SÃO FEITOS COM AS FAZENDAS DOS FABRICANTES
ROSA & IRMÃO
COVILHÃ

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Céu e inferno

As creanças, a quem o leitor certamente não vai pedir conselho, teem, por vezes, um sentido instintivo da vida muito mais desenvolvido do que os homens.

O que vale a experiencia, acumulada em longos anos de contacto com a poeira doirada que anda á superficie da vida, se nós estamos a negar todos os dias e por todas as formas as virtudes da sábia experiencia—e o que é mais: a desprezar-lhe o prudente conselho.

Pois aquela creança não queria acreditar que havia inferno. Dizia-lhe o professor: «O inferno existe e é lá que se pagam todos os pecados feios que se cometeram neste mundo.» E tornava o menino: «O ceu sei eu que existe, porque fica para alem das estrelas. Mas o inferno? Onde fica o inferno?» O professor hesitava, não sabia ao certo em que remota esfera do sistema planetario havia de colocar o inferno.

E a creança, iluminada subitamente por um instinto que não exclue o desabrochar precoce da inteligencia, disse: «Ah! já sei. O inferno fica por cima do ceu».

E acertou. Pois não é verdade que por cima de todas as coisas belas da vida, para além do amor, da virtude, do sacrificio, da gloria—ha sempre um inferno? O homem caminha dias, meses e anos atraz de um sonho côr de rosa; dedica-lhe a vida, o pensamento, o dinheiro, a tranquilidade do espirito; e depois de ter embriagado os seus olhos no ceu azul do seu sonho, o que lhe resta? A desilusão, o inferno.

Não se quiz suicidar ontem aquele pobre rapaz de 16 anos, que, por muito se deslumbrar com a luz fulgurante do seu sonho de amor, borboleta que queimou as asas na alampada mais bela da vida, acabou por ficar ceguinho de dôr?! O que lhe restava além do limite atingido do ceu azul onde construia a sua torre de cristal? A desilusão, o inferno.

Aquela criança tinha razão. Para além do céu, leitor experiente das coisas da vida, ha sempre um inferno.

Norberto Lopes.

Malas postais

Pelo «Desna» são ámanhã expedidas malas postais para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral.

O mau estado das nossas estradas

Em virtude de reclamações apresentadas ao sr. ministro do Comercio pelos deputados, senadores e junta geral de Coimbra, foi áquela cidade e a Louzan, em visita oficial, o general sr. Antonio da Conceição Parreira, administrador geral das estradas.

CAMBIOS

Dia 14

	Comprador	Vendedor
Londres, cheque	—	2 7|64
» fim mês	2 1|8	2 7|64
Paris	—	—
Berlim	—	—
Holanda	—	—
Espanha	—	—
Bélgica	1$245	—
Itália	1$250	1$260
Suiça	—	—
Suecia	—	—
Noruega	—	—
Dinamarca	—	—
Nova-York	—	—
Brasil	—	—
Rio Londres	—	—
Libra esterlina	—	—
Ágio do ouro	—	—

O 19 DE OUTUBRO

A VERDADE

FOI PROPOSITADAMENTE EVITADA PELO PROMOTOR DE SANTA CLARA

AFIRMA-NOS O IRMÃO DE JOSÉ CARLOS DA MAIA

—O julgamento dos oficiais implicados nos acontecimentos de 19 de Outubro, declara-nos o irmão do comandante Carlos da Maia, decorreu de uma forma irregular, suspeita e escandalosa.

—Em que se baseia para fazer essas afirmações?

—Na maneira clara como o promotor de justiça pretendeu evitar a prova de cumplicidade.

—Mas provou-se, realmente, a cnmplicidade dos oficiais que foram submetidos a julgamento?

—Se não se provou claramente a cumplicidade de dois oficiais foi porque o promotor de justiça evitou, propositadamente, o esclarecimento da verdade.

—E' uma afirmação grave...

O sr. Carlos da Maia:

—Que provo com argumentos irrefutaveis. Durante o meu depoimento, protestei contra as advertencias constantes que me foram feitas, sendo-me observado que o assunto que eu tentava esclarecer—e que era o da cumplicidade de alguns oficiais nas mortes de 19 Outubro—já tinha sido levado ao tribunal. Com o fim unico de me fazerem calar. E as informações que eu prestava ao tribunal foram, propositadamente, afastados da discussão como coisa sem importancia.

O sr. Carlos da Maia afirma, tomando a responsabilidade das suas palavras:

—O julgamento dos oficiais em Santa Clara não passou de uma repugnante burla. Ha dois argumentos que me parecem concludentes:

1.º No meu depoimento, informei o Tribunal de que me tinha sido comunicado que dois oficiais, os capitães Pires Falcão e Loureiro, tinham conhecimento da lista das pessoas que deviam ser executadas. E que esta informação me foi confirmada pelo tenente Lopes Soares, acrescentando que um dos arguidos esteve prestes a fazer esta grave revelação em pleno julgamento, O seu advogado aconselhou-o a guardar um prudente silencio, porque tal declaração implicaria a suspensão do julgamento, o levantamento de novos autos e o regresso imediato dos acusados ao presidio da Trafaria. Ora aquilo que o referido oficial não revelou, disse-o eu no meu depoimento. Porque não se procedeu conforme manda a lei?

2.º—Relataram os jornais que o tribunal mandou levantar um auto de noticia contra o tenente Mergulhão, por virtude de afirmações graves feitas pelo *Dente de ouro*. Esse auto foi arquivado, porque faltaram elementos de prova. Afirmo que esses elementos existiam no processo dos oficiais que responderam em Santa Clara.

E o sr. Carlos da Maia pregunta:

—Porque motivo abandonou o promotor a prova desses factos, de tamanha gravidade, mandando arquivar um auto de noticia por falta de provas—que já tinham sido recolhidas em julgamento? Tudo isto me autorisa a supor que a atitude do promotor de justiça foi suspeita e de molde a não inspirar confiança ás familias das vitimas e á opinião publica.

E para prova de algumas das suas afirmações, o sr. Carlos da Maia pede-nos a publicação das instancias feitas pelo promotor de Santa Clara a duas testemunhas, segundo um relato taquigrafico do julgamento.

Promotor:—Mas não houve um capitão que falou com v. ex.ª?

Alvaro de Castro:—Efectivamente, quando vim para Lisboa, antes de ir para Mafra, encontrei o capitão Pires Falcão na estação do Rossio e aquele official disse-me que ia propositadamente ali para me avisar, porque constava que havia atentados pessoais e que tinha estado numa reunião onde o assunto se tratara. A conversa foi rapida.

Promotor:—Mas eu refiro-me a uma conversa de um capitão, em Mafra, que dizia não ter entrado no movimento por qualquer motivo.

Alvaro de Castro:—Depois do movimento, os atentados produziram grande alarme no país, e, estando eu em Mafra reunido com outros oficiais no quartel, tenho ideia, de facto, de ter ouvido dizer a um oficial que não entrara no movimento porque lhe constou que haveria atentados pessoais».

Segue outra instancia, feita pelo promotor ao tenente-coronel sr. Raul Esteves:

«*Promotor:*—A que horas, no dia 19 de Outubro, o capitão Loureiro foi ao seu quartel?

Raul Esteves:—Devia ter sido á noite, mas pode ser que tambem fosse á tarde, porque ele foi lá varias vezes.

Promotor:—V. ex.ª pode explicar que tendo sido tão instado para morrer, não foi morto?

Raul Esteves:—Eu é que seria muito feliz se v. ex.ª me explicasse porque não fui morto».

A Faculdade de Direito

protesta contra a creação de uma nova epoca de exames

Em conselho realisado hoje, a Faculdade de Direito de Lisboa deliberou que pela direcção da Faculdade subisse ao governo e ás presidencias das camaras legislativas, o seu voto quanto á pretendida concessão de uma nova época de exames a começar no mês de março.

Dispondo os alunos de duas épocas de exames (julho e outubro) e havendo-se prolongado a segunda com prejuizo do ensino até janeiro do ano corrente, a criação de uma nova época inutilisaria dois meses, pelo menos, do ano lectivo, restando em tais condições, á Faculdade, pouco mais de um mês util para o seu ensino, visto em julho proximo abrir-se nova época de exames.

COLISEU DOS RECREIOS

TRABALHOS ASSOMBROSOS

O Conselho de Ministros

Ocupou-se da carestia da vida e da questão do funcionalismo

O Conselho de Ministros reuniu hoje, efectivamente, na secretaria das Colonias, tratando, segundo consta, da questão dos funcionarios publicos e da carestia da vida.

Durante a sessão foi recebido o sr. governador civil de Lisboa. O sr. ministro das Colonias não compareceu; segundo uns, por estar doente; segundo outros, por ter pedido a demissão.

ABRE A'MANHÃ:

PARISY'S

Chapeus, modelos das casas Suzanne Talbot, Eliane, Margueritte & Leonie

Vestidos, perfumes, novidades parisienses

RUA ANCHIETA, 31—CHIADO TELEF. 5.103-C.

A POLITICA

QUEM SERÁ O NOVO CHEFE DO ESTADO?

A viagem presidencial ás colonias

Fala-nos Leote do Rego

Deve ficar resolvido por estes dois ou três dias o caso da ida do sr. presidente da Republica ás Colonias.

O sr. Leote do Rego que já tornou publica a sua opinião, continua a pensar que tudo indica que essa viagem se não realize:

—Primeiro, porque neste momento de convulsão geral um Chefe de Estado não deve abandonar o seu paiz. Segundo, porque a nossa situação financeira não é de molde a consentir tão grande desperdicio de dinheiro. Em terceiro logar, não podendo o Chefe do Estado visitar todas as colonias, calcula-se como as que ficassem por visitar se magoariam. Já vê que não posso aprovar tal decisão embora julgue que essa visita iria estreitar ainda mais os laços que prendem a metropole ás colonas, nacionalizando-as.

* * *

Da viagem do Chefe do Estado ás colonias, passou-se naturalmente á eleição do futuro presidente da Republica:

—Não se compreende que, a doze anos da proclamação da Republica, inda se façam distinções entre *velhos* e *novos* republicanos...

—Deve ir uma figura republicana sim, mas que, tendo acompanhado a vida portuguesa, se não tenha salientado em lutas politicas.

O sr. Leote do Rego tem já um opinião formada sobre os varios candidatos. Formula-a claramente, francamente:

—Teixeira Gomes tem a sua vida em Londres. Estou convencido de que não aceitará a presidencia. De resto, já foi derrotado noutra eleição... Duarte Leite já está cançado, doente. Vivgu depressa demais...

—E João Chagas?

—Ninguém nega que ele foi uma aguia Mas até as aguias envelhecem... as penas emperram-se-lhes...

—Restam poucos candidatos: Sá Cardoso...

—Tenho uma grande simpatia por Sá Cardoso. Não ha ninguem que a não tenha...

E sem concluir o seu pensamento:

—Afonso Costa não deve ser eleito...

—Ha quem ponha grandes esperanças na sua candidatura...

—Não póde ser. Afonso Costa teve um posto de combate na politica. Abandonou-o. Trocou-o pela vida de advogado. Tem de defender os intresses das varias companhias que lhe pagam, muitas vezes até contra o proprio Estado portugues. Já vê que não fazia sentido...

—Qual é, nesse caso o seu candidato?

—Ha dois que teem as qualidades exigidas: Magalhães Lima e Antonio Luiz Gomes.

—Mas os partidos...

—A's vezes, á ultima hora, póde vir uma indicação ou uma ordem, dali da Travessa da Agua de Flor...

A obra das associações academicas espanholas

A conferencia de ámanhã

Está despertando grande interesse a conferencia que o presidente da Associação dos Estudantes de Direito, sr. Mario de Gusmão Madeira, realiza ámanhã á noite na sala «Algarve», da Sociedade de Geografia. Assistem os srs. Presidente da Republica, embaixador do Brasil, ministro de Espanha e restante corpo diplomatico, governo, reitor da Univessidade e outras individualidades. O conferente versará o tema «A Junta de Ampliação de Estudos de Madrid», encarando os diversos aspectos da sua actividade: Centro de Estudos Historicos, Instituto de Sciencias Naturais, Patronato e Residencia dos Estudantes, Residencia de las Señoritas, daquela cidade, etc.

BARRO E GREDA

VENDE-SE RUA LUZ SORIANO, 48

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

CASO COMICO

REVOLTA-SE O POVO DE S. ROQUE DE LOURES contra os compradores da igreja que ha dias foi vendida

Por muito que esta nossa profissão, toda feita de imprevistos e de emoções sempre novas, nos tenha habituado á familiaridade com a surpreza, ora triste, ora engraçada, dos acontecimentos, temos de confessar que nos deixou um tanto desconcertados esta noticia ind'agora chegada aqui á redacção.

No logar de S. Roque — concelho de Loures, foi posta em haste publica uma igreja que ninguem se atrevia a arrematar, com medo de que o povo da localidade castigasse severamente o autor da compra. Dizia-se, pelos modos, lá no sitio, que seria tosado quem ousasse tocar no templo com mãos profanas; e as ameaças, posto em tom de decisão, eram de molde a quebrantar os animos menos afectos a receios.

Em tais circunstancias, dois arrematantes que appareceram, resolveram-se a fechar o negocio, mas com uma condição *sine qua non*: garantir-se-lhes por meio de força armada a saida dos objectos que dentro da igreja estvam, e bem assim salvaguardar-se pelo mesmo processo a integridade fisica dos operarios que para lá fossem trabalhar, quer na mudança, quer na adaptação que os compradores quizessem fazer da propriedade.

* * *

Que sim; que contassem com isso; que iria uma força militar meter os protestantes em respeito.

Mas a força nunca mais apareceu; e, quando os srs. Manuel da Camara e José de Oliveira — os arrematantes — foram tomar posse do que lhes pertencia, desabou sobre eles uma tempestade de pancadaria que só não os vitimou porque um deles fez frente aos agressores, de pistola em punho, disposto a vender tão cara a vida quanto o negocio lhe saira de feição no tocante ao preço.

A certa altura, como se visse impotente para resistir á turba-multa — porque se haviam unido para os descancar os povos dos logares circunvizinhos, convocados a toque de sino e a estoiros de foguetão — o infeliz arrematante foi de longada até Loures, em demanda do administrador do concelho para que lhe valesse naquele aperto.

Informação do secretario:

—Não está cá. Foi para a Brasileira do Rocio.

—E então eu? E então a promessa que me fizeram de me defender? E então o oficio do ministerio da Justiça que me garante a leigtima posse da igreja?

—Não sei. O sr. administrador foi p'r'á Brasileira!

Ora, a Brasileira é, como toda a gente sabe, ali no Rocio, que dista de Loures o preciso para não ter havido tempo, ainda, de acudir os desgraçados que lá estão em S. Roque, ha dois dias, metidos na igreja, á espera que lhes acudam.

Ao que informam, o povo, em revolta, enclausurou-se no templo e não consente, sequer, que se lhes dê nem alimentos nem agua.

E aqui está como, em plena quaresma, uns tantos livres-pensadores são forçados a jejuar quando menos o esperam.

LIVROS NOVOS

«Os Dez-réis de gente»

Fernando Perfeito de Magalhães Vilas Boas reuniu, num pequeno volume, sob o titulo «Os Dez-réis de gente», de S. Martinho do Porto, alguns contos veridicos, profusamente ilustrados por Emmerico Hartwich Nunes.

E' um livro para as crianças, escrito numa linguagem desataviada e simples, de leitura agradavel e sã.

COLISEU DOS RECREIOS

Ultima e sensacional novidade

CARESTIA DA VIDA

PRISÕES!

COMERCIANTES POSTOS NA RUA! SENHORIOS FISCAIS DO GOVERNO!

EIS O QUE OFERECE O NOVO DIPLOMA LEGAL

O *Diario de Lisboa* noticiou: O *governo vai emfim reprimir os abusos comerciais, o exagero dos lucros.*

O governo vai tentar resolver o problema da vida cara.

Como e por intermedio de quem? Castigando os abusos, fiscalisando e pondo á frente dessa acção um «juiz sindico».

Belo! Era uma ideia do sr. Vasco Borges, que julgou prudente dar essa ajuda ao governo, um pouco enfraquecido de vontade.

Confirmamos em absoluto os termos em que anunciámos as medidas governamentais.

Está a redigir-se o diploma, e sabemos que o sr. dr. Vasco Borges, instado, lá ficou ao pé do ministerio da Agricultura nesta conjuntura.

Volta-se ao tabelamento? —«Não senhor»

O que é que se vai fazer?—pergunta o leitor.

Vamos dizer-lh'o.

Quem quizer achar platonico o plano, que o ache. Quem, cansado de planos, não acreditar neles, nem por isso deixe de seguir o projecto. Ha nele novidades. Curiosidades mesmo.

A «coluna vertebral» da acção que se pretende levantar, como um edificio fiscalisador e repressivo assenta nisto: limitação fixa do lucro comercial. Será entre 10 e 15 por cento o lucro que se permite que o comerciante usufrua do seu trabalho.

—Mas como se fiscalisa? Volta-se ao tabelamento?

—Não senhor...

Quem nos diz este «não senhor» é o proprio sr. Vasco Borges que num *coup de telephone* nos dá a negativa mais formal para uma entrevista. Mas a gente vai sabendo, porque no ministerio da Agricultura as inconfidencias são dificeis mas não impossiveis, Ora seguem os topicos:

—Lucro medio entre 10 e 15 por cento para os comerciantes.

—Afixação dos preços nos generos expostos.

—A repressão atinge tudo: generos alimenticios, roupas, calçado, e até objectos de «menage». Os carvoeiros e vendedores de lenha e combustivel estão «de oratorio».

—Na Italia fez-se o mesmo ha muito. Mas lá ha uma repartição que tem todos os preços originarios. Cá — não ha nada. Esta dificuldade supre-se—como?

—Supre-se indo o proprio «Juiz Sindico» verificar os preços originarios á escrita comercial. Processo sumario. Não pode ir o lucro além de 15 por cento. Se fôr castigo imediato.

—São as cooperativas, os armazens reguladores e a Manutenção Militar que dão, tambem, os preços de origem.

Os castigos—Prisão, encerramento do estabelecimento

Não se suponha que estamos a defender ou a proteger a ideia desta medida. Estamos simplesmente a informar. O publico sabe já —escusamos de lh'o dizer—que a vida está asfixiante, e que o governo não tem feito nada que se veja. A especulação é livre. Mas prossigamos:

—Quais as penas a impôr a quem especule ou guarde lucros excessivos?

Resposta do informador:

—Primeira vez, pesada multa; segunda, prisão; terceira, porta fechada temporariamente ou definitivamente.

—Açambarcamento, sonegação, mentira na informação—porta fechada, definitivamente.

—Para prevenir a hipotese de os estabelecimentos de calçado, mercearia, etc., serem encerrados, ficando o pessoal desempregado, o diploma estabelece que o proprio comerciante tem de pagar ao pessoal.

Os senhorios, fiscais da lei e agentes do governo

—Mas como? Como é que os senhorios vão ser os fiscais?

—Muito simplesmente. Trata-se de pena maxima, peor que prisão, que supressão de licença de comercio. Quando a um comerciante for caçada licença de negociar ou vender, perde os direitos que lhe dá a lei do inquilinato. O senhorio fica com o direito de dispor da casa. Logo, indirectamente, é o senhorio do predio quem tem interesse em que o mau comerciante (pois só se trata de maus comerciantes) seja punido pela lei, a fim de, livre dos compromissos do arrendamento, poder alugar por melhor preço as suas lojas.

—Mas então é a perseguição ao comercio!? —dissemos.

—Não se trata do comercio. Trata-se dos que roubam e exploram o consumidor. Esses não são comercio.

Adiante:

—Não haverá organismo central para fazer esta obra. Nada de burocracias. O juiz sindico vae buscar elementos sem amigos aos ministerios e sem um real de gratificação, o trabalho começa.

—Como?

—Altivamente, como fez o Botelho Moniz, que ainda hoje é recordado pelo povo. A favôr de um ladrão não há associação alguma que tenha a coragem moral de apresentar razões.

—Mais?

—Ataque ao comerciante miliciano. Isso acaba. Para vender seja o que fôr, só os autenticos comerciantes, estabelecidos e reconhecidamente edoneos. Acabam-se os intermediarios. E' o governo quem autoriza. Haverá a cedula do comerciante.

Quem será o juiz sindico?

Isto no papel está muito bem. Na pratica é que se quer ver — diz o leitor. E' certo. Ouçamos o informador.

—Ou se faz ou não se faz. O sr. Lima Basto, em 1917 ainda tentou alguma coisa de geito, e conseguiu algum exito, quasi á força. Depois no tempo do dr. Sidonio Pais muito se fez, pela acção energica. Eis o que é preciso renovar.

—Mas não é iniqua a perseguição ao comerciante?

—Não ha perseguição. O comerciante que especula é que persegue o povo e a ordem social. Se o Estado lhe garante uma lei do inquilinato, que ele aproveita para exercer desbragadamente o seu comercio, o Estado tem o direito de lhe caçar o privilegio da lei.

—Quem será o juiz sindico?

—Isso agora... Tem de ser uma especie de inquisidor.

—Talvez o sr. Vasco Borges.

Novamente o telefone:

—Dr. Vasco Borges? Está?...

—Não dou entrevistas. E' um caso complexo e melindroso. Os senhores são ignorantes e transtornam tudo...

—Muito bem. V. ex.ª aceita ser nomeado juiz sindico?

—Se me forem dadas todas as facilidades, meios de acção e elementos para cumprir á risca a letra do diploma—aceito...

—E o que diz o diploma?

—Isso é segredo!—E desligou delicadamente.

Ora, o que o diploma diz, está já acima.

Pelos teatros

Aura Abranches

A companhia Aura Abranches, que se estreia no Avenida a 20 do corrente, trás no seu repertorio, alem das peças novas já anunciadas, mais as seguintes de grande exito: «O grande amor», «A Carota», «Oitava mulher do Barba Azul», «A menina do chocolate», «Canto Alegre», «Gente chic», «A presidente», «A caminho do Sol», «5 réis de gente», «Coração Cego», «O jogo da Rosa», «Uma bela aventura», «Calcito de Lisboa», «Marido em branco», «Para viver feliz», «Espada de Damocles» e «Primerose».

Na peça de estreia — a comedia de Luis Palmeirim «O Homem da Cadeirinha — o papel que devia ser desempenhado pelo actor Olavo de Barros, será feito pelo actor Sacramento.

Atrás do reposteiro

O actor Rafael Marques, societario do Nacional, realisa a sua festa artistica, neste teatro, no proximo sabado, 17 do corrente, com a tragedia «Viriato», em que desempenha o protagonista. Completa o espectaculo a peça em um acto, «O Passado», original de Bento Mantua, o aplaudido autor do «Alcool» e da «Má sina», interpretando o principal papel o novel actor Gastão Alves da Cunha, que nele tem um belo trabalho.

—Entrou em ensaios no Nacional, com a peça de Norberto de Araujo, «Dentro do castigo», a peça francesa «La Comediene», traduzida por José Sarmento com o titulo «A comediante». A primeira está sendo ensaiada por Augusto de Lacerda e a segunda por Augusto de Melo.

—Na noite de sexta feira, 16, realiza-se no Politeama a 15.ª representação da peça historica «A Ribeirinha», da autoria de João Correia de Oliveira e Francisco Lage.

—O actor Raul de Carvalho, um dos melhores elementos da companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, realisa a sua festa, no Politeama, na noite de 27 do corrente, com a «reprise» da peça «A Castro». O distinto artista teve a gentileza de nos enviar 10 bilhetes de balcão, para o seu produto reverter a favor dos nossos pobres.

—A companhia Otelo de Carvalho representará no Porto, a seguir á «Lua Nova», mais as seguintes revistas: «Fruto proibido», «Zás-Trás», «Bichinha Gata» e «Gato por lebre».

—A revista «Trus-trus» só subirá á scena no Aguia de Ouro, do Porto, na proxima terça feira.

—Entre as peças que Nascimento Fernandes leva na sua «tournée» conta-se a comédia «As passas do Algarve», adaptação de Carlos Ferreira e Henrique Galvão

—Na revista «Chá e torradas» foi introduzido um novo quadro intitulado «Dó, Ré, Mi . . .

—A respeito da peça de Pierre Frondaie, «L'Insoumise» que a actriz francesa Vera Sergine representará em Lisboa, na sua proxima «tournée», diz Robert de Fleur, critico do «Figaro» quando da sua primeira representação no teatro Antoine, que a insigne actriz tem nesta peça uma das suas mais brilhantes criações, e a respeito da peça, que o seu autor possue todas as qualidades precisas para agradar «L'Insoumise» é uma peça ao mesmo tempo realista, romantica, psicologa e fisiologica, prendendo a atenção do publico num crescente de interesse.

—O novo original de D. José Paulo da Camara e Luna de Oliveira, com musica de Filipe Duarte, «A prima inglesa» que depois de ámanhã sobe á scena no São Luis, em festa artistica da graciosa artista Auzenda de Oliveira, que desempenha a protagonista. A acção do segundo e terceiro acto passa-se num solar antigo depois de uma tourada de amadores. Nesta peça Ausenda de Oliveira, apresenta-se em «travestí» no segundo acto.

—A companhia Otelo de Carvalho, antes da sua reaparição no Apolo, vai fazer uma «tournée» de vinte dias na Galiza, para o que tem já fechados varios contractos.

—A companhia Aura Abranches, que reaparece no Avenida no proximo dia 20 do corrente, terça-feira, a despeito do seu enorme repertorio, constituido por 30 peças, não abre assinatura especial, nem mesmo para a peça de inauguração, a comedia, de Luis Palmeirim, «O homem da cadeirinha».

POLITEAMA HOJE

A RIBEYRINHA

Admiravel trabalho de AMELIA REY COLAÇO

Provem os bifes

GRANDE ESPECIALIDADE

LEITARIA CHIC

Praça dos Restauradores, 20

Companhia de Cabinda

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Subscrição de 6.822.000$00 em acções de valor nominal de 4$50 INTEGRALMENTE RESERVADA AOS ACTUAIS ACCIONISTAS e cuja emissão foi tomada firme por um grupo finandeiro da nossa praça.

A subscrição está aberta desde o dia 12 a 22 do corrente mês, nos locais abaixo designados, podendo os Srs. Acionistas subscrever com qualquer numero de acções, garantindo-se-lhes o minimo de 3 1|2 das novas por 2 antigas.

Os Srs. Subscritores deverão apresentar juntamente com o boletim de subscrição os seus actuais titulos, a fim de serem devidamente carimbados.

O preço da subscrição é de 7$20 por acção.

CONDIÇÕES DE PAGAMENTO

10 0|0 no acto da subscrição . . .	Esc. $72
20 0|0 até 30 de Abril	» 1$44
20 0|0 até 30 de Maio	» 1$44
50 0|0 até 10 de Julho	» 3$80
Total . . .	Esc. 7$20

E' facultativa a liberação no acto da 2.ª prestação, abonando-se a taxa de 6 0|0 ao ano.

A prestação de 50 0|0 pode ser satisfeita em seis prestações mensais, acrescidas do juro de 7 0|0 ao ano, sendo as quatro primeiras de 15 0|0 e as duas ultimas de 20 0|0, e respectivamente satisfeitas até ao dia 30 dos meses de Julho a Dezembro.

As acções serão nominativas ou de coupon, á escolha do subscritor e terão direito ao dividendo a partir de 1 de Julho de 1923.

LOCAIS ONDE PODE SUBSCREVER-SE: — Em Lisboa, na séde da Companhia, rua Ivens, 56, 1.º andar, das 11 ás 15 horas; No Porto, Braga, Coimbra e demais capitais de distrito, nas filiais e agencias do Banco Nacional Ultramarino.

NOTA. — Os subscritores remissos incorrem no pagamento de juro de mora, regulado pela taxa do Banco de Portugal, e acrescidos de 1 0|0, durante 60 dias, e findos estes, perderão em favor da Companhia o direito ás prestações que já tiverem pago.

Lisboa, 7 de Março de 1923.

Pela Companhia de Cabinda, *O Conselho de Administração.*

Para os devidos efeitos se anuncia que, por escritura de 6 de Março corrente, lavrada nas notas do notario abaixo assinado, foi constituida entre Manuel Domingos Lopes e Antonio Manuel de Sousa, uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º

Esta sociedade adopta para todos os seus actos e contractos a firma Lopes & Sousa, Limitada;

2.º

A séde da sociedade é em Lisboa e o seu estabelecimento na rua dos Anjos, n.os 21 e 23;

3.º

O seu objecto é o exercicio do comercio de retroseiro, fanqueiro e modas e qualquer outro que a sociedade resolver explorar;

4.º

A sociedade iniciou as suas operações no dia 1 de Março corrente e durará por tempo indeterminavel;

5.º

O capital social é de 22.000$00 inteiramente realizado e corresponde á soma das quotas de ambos os socios e acha-se representado pelos diversos valores que constituem o activo do estabelecimento comercial que nesta data e nestas minhas notas tomaram de trespasse á firma Fructuoso Pires, Ltd.ª;

6.º

Nestes termos ambos os outorgantes cedem e transferem para a presente sociedade todos os valores que constituem o designado estabelecimento da rua dos Anjos, n.os 21 e 23, abrangendo a armação, mobiliario, utensilios, fazendas ou mercadorias e todos os demais bens e direitos (incluindo os do respectivo arrendamento) a que teem direito pela citada escritura de trespasse;

7.º

Se a sociedade carecer de suprimentos ambos ou qualquer dos socios os poderão fazer, vencendo as respectivas importancias o juro que então se estipular;

8.º

Nenhum dos socios poderá ceder a sua quota ou parte dela sem expressa autorisação do consorte, que terá preferencia na sua aquisição em egualdade de circunstancias.

9.º

Ambos os socios são gerentes, podendo, portanto, qualquer deles usar da firma social e representá-la em juizo e fóra dele, activa e passivamente, sem caução, mas o exercicio da gerencia será obrigatorio para o socio Antonio Manuel de Sousa e facultativo para o socio Manuel Domingos Lopes.

Paragrafo primeiro — O socio Sousa ficará vencendo mensalmente a quantia de quinhentos escudos, como remuneração pela sua gerencia efectiva.

Paragrafo segundo — O uso da firma é absolutamente proibido em letras ou contractos estranhos ao objecto social, tais como fianças, abonações, letras de favor e outros semelhantes.

10.º

Os balanços encerrar-se-hão em 31 de dezembro de cada ano e deverão estar aprovados até vinte e oito de fevereiro seguinte.

11.º

Dos lucros liquidos apurados pelos balanços deduzir-se-hão pelo menos 5 °|o para a formação ou reintegração do fundo de reserva legal, 5 °|o pelo menos para um fundo de reserva especial de depreciação e dividir-se-ha o restante pelos socios em partes eguais.

Paragrafo unico — Cada um dos socios poderá levantar da Caixa social, mensalmente, por conta dos lucros, a quantia que entre ambos pactuarem.

12.º

Esta sociedade dissolver-se-ha apenas nos casos previstos pela lei.

Paragrafo primeiro — No caso de falecimento de algum dos socios, fica a cargo do sobrevivente todo o activo e passivo da sociedade, o qual pagará aos herdeiros ou representantes do falecido tudo quanto a este pertença em capital, juros, suprimentos e lucros, conforme o balanço dado para tal efeito.

Paragrafo segundo — O pagamento da importancia assim apurada será feito pelo socio sobrevivente dentro de 1 ano em letras mensais perfeitamente garantidas por fiador idoneo e vencerá o juro egual á taxa de desconto do Banco de Portugal.

13.º

Dada a interdição de alguns dos socios os herdeiros deste continuarão na sociedade exercendo em comum todos os direitos inherentes á respectiva quota, emquanto esta estiver indivisa.

14.º

Em todo o omisso regularão as disposições da lei de 11 de abril de 1901 e demais legislação aplicavel.

Lisboa, 13 de março de 1923.

O notario,

Eduardo Caetano Nunes.

SOCIEDADE EDIFICADORA MONT'ESTORIL, L.da

Séde — Largo d'Ostende — MONT'ESTORIL

BAIRRO N.º 1

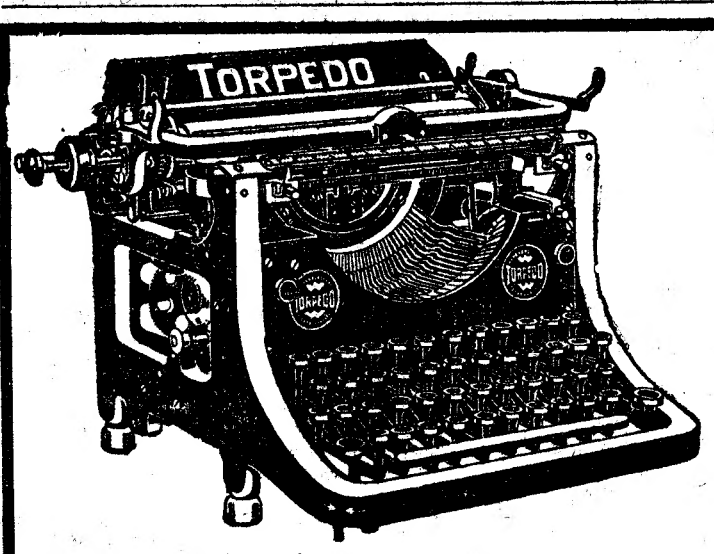
LEILÃO

Se anuncia que amanhã quinze, pelas 15 horas, á porta da Bolsa, no Terreiro do Paço, serão postos em praça, separadamente, para serem arrematados pelo maior lance oferecido, 3 «chalets» novos, com todas as comodidades, casa de banho, agua, luz electrica, jardins, etc., etc., podendo servir para duas familias.

Os supraditos «chalets» são os n.os 2, e 4, situados no Monte Nossa Senhora da Saude (antigo Monte Palmela) Mont'Estoril.

Brevemente serão postos em praça os «chalets» n.os 5, 6 e 7 que estão em acabamento.

Mais se anuncia que no escritorio da Sociedade no Largo de Ostende, Mont'Estoril, se recebem propostas para a construção duma Avenida e ruas transversaes, no Bairro n.º 2, em S. Pedro do Estoril, (Cae-Agua), a fim de começar brevemente a construção de diversos «chalets».



- AS -

VANTAGENS RESULTAM QUANDO SE FAZ USO DA MAQUINA "TORPEDO"

Agentes no Sul do país:

J. Anão & C.ª, L.da R. Fanqueiros, 376-2.º

Telefone N. 3536

TOSSE

CURA RAPIDA E SEGURA COM AS PASTILHAS DE

DR. ANDREU DO BARCELONA

a maior parte das vezes desapparece a tosse ao concluir a primeira caixa.

A venda as Pharmacias e Drogarias

DEPOSITARIOS GERAIS PARA PORTUGAL E COLONIAS

GIMENEZ-SALINAS & C.ª

9, Rua Nova da Trindade, 1.º — LISBOA

BOAS MOBILIAS

Antiga marcenaria do Desterro

Exposição permanente para venda directa ao publico por preços do fabricante e seu proprietario

Manuel Filipe da Silva Junior

Variado sortimento de mobilias em todos os generos, o que se fabrica de mais solido confortavel e chic.

Mobiliario no sistema americano para casas bancarias, escritorios comerciais, etc.

Maples cobertos em pele verdadeira de varias côres

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Uma visita a titulo de curiosidade e confronto

Rua do Desterro, 17 a 29

DAS 5 PARTES DO MUNDO

ESTRANGEIRO

DAS 5 PARTES DO MUNDO

A FRANÇA NO RUHR

O estado actual da ocupação prejudica os interesses da Inglaterra

LONDRES, 14

Durante o debate na Camara dos Comuns sôbre o orçamento do ministerio dos Estrangeiros «sir» John Simon, liberal, chamou a atenção do governo para o estado actual da região do Ruhr, dizendo que o exercito inglês de ocupação já não estava em contacto com a Alemanha porque os exercitos franco-belga tinham isolado a area britanica em Colonia e os interesses comerciais de Inglaterra desta area tinham sofrido consideravelmente. O sintoma mais grave, porém, era de que não havia indicação de que a politica de resistencia passiva dos alemães contra os franceses no Ruhr estivesse prestes a findar. O sr. Fischer, liberal nacionalista e ex-ministro, lamentou-se de que os resultados da ocupação do Ruhr pelos franceses fôsse a imposição de direitos alfandegarios de 20 por cento sobre as mercadorias inglesas.

O sr. Asquith declarou muito justificadamente, que desde o ultimo debate sobre este assunto um novo factor de grande importancia tinha entrado em scena, pedindo ao governo que declarasse imediatamente se estava de acôrdo ainda com a politica de espectativa benevola. O zr. Mcneil, sub-secretario dos negocios estrangeiros replicou dizendo que o governo reconhecia que a situação era muito melindrosa e que o primeiro facto a tomar em linha de conta era que a Alemanha não tinha cumprido aquilo a que se tinha comprometido com o tratado. Havia quem esquecesse com rapidez, mas ainda era muito cedo para poder ser esquecido que a Alemanha tinha cometido um dos maiores crimes contra a humanidade e o mundo. Terminou dizendo que embora a questão fôsse grave o que se não podia esquecer é que a França e a Inglaterra tinham estabelecido uma amisade que se não podia romper. — (R.).

A França de hoje

e a atitude da Alemanha em 1870

PARIS, 14.

A imprensa francesa respondendo aos queixumes da imprensa alemã, lembra, apoiando-se em documentos, que após o tratado franco-alemão o governo alemão pretendeu reocupar os territorios franceses no caso do governo Thiers ser substituido por um outro que lhe inspirasse menos confiança ou no caso da Alemanha não ser paga dos seus debitos até á primavera de 1874. A França no momento actual procede da mesma forma com a diferença, contudo, de que a maneira de proceder é pautada pelo tratado de Versailles. Em 1871 Bismarck enviou uma carta ao encarregado dos negocios alemães em Berlim Waldersee especificando que o Imperio teria o direito absoluto de reclamar á França o reembolso das despesas feitas com os reforços do exercito de ocupação que influiria numa mudança de estado de cousas na França. O Tratado de Paz não dizia nada a esse respeito, escrevia Bismarck na sua carta mas tratava-se indirectamente de assegurar a paz e de a tornar completa.

COLISEU DOS RECREIOS

Os melhores artistas do mundo

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO 74

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

O terrorismo CATALÃO

OUTRO CRIME EM BARCELONA

UM REVOLUCIONARIO

VICTIMA DA SUA PROPRIA PROPAGANDA

O terrorismo catalão parece ter entrado outra vez numa fase brutal de represalias. Começaram a repetir-se os atentados em plena rua, e ainda ante-ontem foi varado á bala um dos mais categorisados elementos do meio operario espanhol, Salvador Segui, cuja morte é considerada pela imprensa do país visinho como sinal seguro do estado de guerra surda em que Barcelona se encontra.

Salvador Segui, «El Noy del Sucre», era uma das mais categorisadas figuras do sindicalismo catalão; e daí a crença geral de que o seu assassinio obedece a um plano de revindicta operaria, resultado de velhas rixas que só aguardavam oportunidade para se exteriorisar em factos sangrentos.

A vitima de agora começára a intervir nas lutas sociais em 1907, desde logo se disguindo pela sua notavel actividade, pois foi um dos organisadores do Sindicato de Barcelona e, já em 1909, representou nos acontecimentos de então um papel preponderante, tendo percorrido, numa porfia incansavel de propaganda revolucionaria, varias povoações catalãs.

Tomou parte no conhecido caso Queraltó; e, em 1913, tinha já a notabilizar-lhe o nome uma série respeitavel de processos por virtude de ataques ás instituições e de instigações á revolta.

Em 1915 foi nomeado presidente da Federação do Ramo de Construção de Barcelona, e tanto bastou para que se declarasse a greve geral de agosto desse ano.

Voltou a ser preso e julgado varias vezes; ora absolvido ora condenado; só no ultimo ano — 1922 — conseguindo que as autoridades espanholas o deixassem em paz, porque tambem, da sua parte, decidira comportar-se de maneira mais conforme com os interesses da ordem publica.

Reconsiderára; e ultimamente, longe de pregar, como dantes, a luta a ferro e fogo, — o seu nome considerado como dos mais temiveis da agitação operaria — dera em aconselhar cordura aos seus correligionarios, a todo o momento procurando fazer-lhes ver a conveniencia de não responderem com represalias ás repressões que surgissem.

* * *

Pelos modos, essa sua atitude foi tida como traição á causa dos proletarios; e Salvador Segui, acabou por ser vitima do extremismo que ele proprio ensinára aos desvairados da sua grei. Não é a primeira vez que isto acontece, nem será, infelizmente, a ultima; mas queremos registá-lo para o lembrar, como um ensinamento que é, a quantos persistem na teima errada de incutir em espiritos fracamente adextrados para o discernir das ideologias revolucionarias, doutrinamentos que actuam sempre como faca de dois gumes.

Lisboa no seculo XX

VIVA O PROGRESSO!

A «REMINGTON PORTATIL», em casa

NOVAS DE MADRID

Hespanha deseja o reatamento das relações comerciais com Portugal

MADRID, 14

Foi dirigido um oficio ao ministro do Trabalho de Comercio e Industria em que se dizia que era de absoluta necessidade a regularização definitiva das relações comerciais entre os dois paizes. Tudo parecia indicar nos ultimos tempos que vencidas as dificuldades quue se opunham aos acordos com os grandes paizes que ocupam o primeiros logares no nosso comercio externo, se procederia rapidamente á negociação dum tratado de comercio com Portugal que terminasse com a intensidade do regime alfandegario inicida em 1913, por ter terminado o tratado de 1868. Comtudo passaram os dias e parece mais longinquo o dia em que se reatarão as negociações, ficando portanto ineficazes para esse efeito as manifestações de fraternidade que tanto se prodigam os homens publicos e a imprensa dos dois paizes. Os desacordos seriam facilmente resolvidos se se tivessem visto os interesses gerais duma economia peninsular não claramente determinada pela geografia como desmentida pela incompreensão dos homens.

O convenio

deve tratar da pesca e dos rios

Um tratado de comercio com o paiz vizinho não devia limitar-se ao aspecto puramente mercantil, mas deveria pelo contrario regular todos os aspectos economicos e mesmo os scientificos e artisticos e todos aqueles em que existisse uma comunidade de interesses. As clausulas do convenio deviam estender-se ao regime da pesca, ao regime tributario, á propriedade industrial e literaria, á melhor utilização dos rios, ao sistema ferroviario, etc., etc. E' claro que não é facil chegar com rapidez a um acordo absoluto sobre tão complexos problemas, que tantos receios suscitam dum e outro lado, mas isto não devia ser obstaculo para se chegar rapidamente a um acordo comercial que permitisse a troca de produtos coloniais portugueses com outros produtos que a Espanha póde exportar.

Estudos

sobre os dois paises vizinhos

O miniterio do Trabalho de Comercio e Industria deveria iniciar uma serie de estudos sobre as relações economcas entre Portugal e a Espanha acelarando o mais possivel a negociação do tratado de comercio. O oficio era assinado pelos srs. Antonio G. Vallejo, presidente da Camara de Industria e pelo sr. Francisco Carvajal y Martin, secretario geral. — (R.)

D. Beatriz Adelaide Mayer Ferreira e Silva

FALECEU

Confortada com os Sacramentos da Igreja

Maria do Carmo Mayer Ferreira e Silva Marques de Carvalho e seus filhos, Alvaro Mayer de Carvalho e Humberto Mayer Marques de Carvalho, Maria Ernestina Mayer d'Oliveira Machado e sua filha Berta Maria Mayer d'Oliveira Machado, participam a todos os seus parentes e pessoas de suas relações e amisade, foi Deus servido de chamar á sua Divina Presença sua muito querida irmã e tia D. Beatriz Adelaide Mayer Ferreira e Silva, e que o seu funeral se realiza ámanhã, pelas 14 horas, da Avenida Almirante Reis, 133, r/c., D., para o Cemiterio Ocidental.

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

NO TRIBUNAL DE MARINHA

OFICIAL DE MARINHA JULGADO POR OFENSAS CORPORAIS

Um marinheiro acusado de matar um chefe de policia

Reuniu hoje o Tribunal de Marinha no edificio da Cordoaria Nacional, na Junqueira, para julgamento do capitão-tenente engenheiro sr. Antonio José Ferreira, acusado de, ofender corporalmente o dr. José Maria Rosa Junior, na cidade da Horta, em 14 de junho de 1922.

Presidiu o almirante sr. Alfredo Guilherme Howell, tendo como juiz auditor o sr. dr. Teixeira de Sampaio, defensor oficioso o capitão de fragata sr. Antonio Ribeiro Silvano e promotor o sr. Vidal de Freitas.

Como tivessem faltado todas as testemunhas de cusação e defeza, o promotor requere que se proceda á leitura dos seus depoimentos.

O juiz auditor interroga o acusado:

—E' verdadeira a acusação feita nos autos?

—Fui encarregado por uma cunhada minha de me desempenhar duma missão junto do queixoso. Procurei-o em casa duas vezes. Não me foi possivel vê-lo. Dias depois, encontrei-o na rua; expuz-lhe os fins da missão de que la incumbido. Respondeu-me que lhe falasse noutra ocasião e voltou-me as costas. Agarrei-lhe o braço e disse que me dissesse sim ou não. Tentou agredir-me com uma bengala, eu defendi-me.

O promotor declara que dos autos não se verifica a provocação, da parte do reu.

O defensor solicita os serviços prestados á Patria pelo seu constituinte e pede a sua absolvição.

Pouco depois é lida a sentença, com o cerimonial do costume, dando a acusação como não provada, pelo que o juiz absolveu o reu.

* * *

E' julgado no proximo dia 23, no tribunal de Marinha o marinheiro 7.755, Arnaldo José Paulo, que em 24 de outubro, matou com um tiro de pistola o chefe da policia do Funchal, Mario Raul Aguiar, tentou defender corporalmente o capitão tenente Armindo Pinto Correia, disparando contra ele um tiro de pistola que o atingiu na nadega direita, e ofendeu ainda Clemente Vasconcelos, disparando contra ele um tiro que o atingiu na fossa iliaca direita.

A greve de braços caídos

estendeu-se hoje ao ministerio da Instrução

O funcionalismo do ministerio das Colonias manteve hoje a atitude de protesto que ontem assumira, em vista de não ter sido dado ainda cumprimento ao despacho do respectivo ministro que equiparava o vencimento daquele pessoal aos dos seus colegas das Finanças.

A atitude dos funcionarios das Colonias não é de hostilidade ao sr Rodrigues Gaspar, mas sim, como acima se diz, por não ter sido cumprido o seu despacho.

Embora todos os funcionarios comparecessem nos seus lugares, o expediente esteve completamente paralizado.

Os funcionarios do ministerio da Instrução resolveram, unanimente, dar a sua solidariedade aos seus colegas das Colonias, declarando-se hoje em greve, e, implicitamente, absterem-se de comparecer na reunião magna convocada para hoje á noite pela comissão executiva do funcionalismo e anunciada para o liceu Camões.

* * *

Os delegados do ministerio das Colonias junto da comissão executiva do funcionalismo publico srs. Alvaro Alberto Moreira, José Tavares Pina e Afonso Pacheco de Sampaio, depuzeram já o seu mandato.

* * *

O sr. ministro das Colonias não vai ao seu gabinete ha dois dias e hoje não assistiu ao conselho de ministros.

O ASSUNTO DO DIA

QUEM É O LADRÃO DO MINISTERIO DOS ESTRANGEIROS?

O espolio de Juan Lecaroz e o desaparecimento do oficio X

PROCURAVA-SE UM DOCUMENTO DIPLOMATICO?

E' este o assunto de dia: o roubo de um oficio de alta importancia remetido pelo ministerio das Colonias ao dos Estrangeiros.

Há um ladrão. Quem é? Há um roubo: dois cheques em valor aproximado a 600 contos. A importancia não chegou a ser paga, mas o roubo deu-se. Visava o ladrão os cheques, que eram o espolio de um subdito espanhol morto em Macau? Ou supunha que o oficio n.º X, continha em vez de dinheiro, um alto documento diplomatico?

Eis a questão.

A par deste caso, absolutamente sensacional, há o caso dos cheques a descoberto, do qual resultou a prisão do negociante Abel Coelho, por se ter apresentado no Banco de Portugal pretendendo descontar um cheque falsificado na assinatura do sr. dr. Gonçalves Teixeira, director geral do ministerio dos Estrangeiros.

* * *

Ocheñaga, importante capitalista espanhol, constituiu uma sociedade comercial com o tenente coronel de cavalaria, José Bruno Cabedo de Vasconcelos, de uma familia conhecida de Cabedos, com Antonio Teles de Vasconcelos, que esteve exilado em Espanha por questões graves politicas e diplomaticas durante a guerra, e com Abel Coelho. A sociedade visava, entre outros negocios, a construção famosa do Metropolitano e a fundação de um Banco. A' sombra da fortuna de Ocheñaga o tenente-coronel Cabedo tinha largo credito nos Bancos, e assim fornecido de finanças realizou grandes lucros, principalmente com a venda de cheques sobre Londres, que Ocheñaga cobria em pesetas ou em libras.

Mas... — começam os mas — a certa altura Cabedo prendeu-se pelo jogo, e daí vieram dificuldades varias que o levaram a descontar cheques a descoberto. Já contámos ontem: os bancos devolveram os cheques, uma moratoria combinada, atrapalhações, e o assunto na mão do agente Pereira dos Santos.

Como arranjar o dinheiro para indemnisar os bancos? Manifestamente Cabedo estava em maus lençois. Havia já quatro verbas por pagar, uma de 650 libras, outra de 250, outra de 350, outra de 60. Ao todo mil e trezentas e dez libras.

Ora ante-ontem apresentou-se no Banco de Portugal o socio Abel Coelho com um cheque. Esse cheque recebera-o da mão do tenente-coronel Cabedo. Era um cheque falso. Não foi pago, claro. E o Banco e a policia que estavam prevenidos, deitam mão ao portador. Abel Coelho foi levado para o Governo Civil.

* * *

Ha tempo, não podemos precisar ha quantos meses, morreu em Macau, sem lá ter familia ou herdeiros, um espanhol, comerciante, filho de pais incognitos: Juan Lecaroz. O seu espolio, cêrca de mil libras-ouro, e algumas centenas de contos em dinheiro português foi remetido para o ministerio das Colonias, repartição de contabilidade, da qual é chefe, interinamente, o sr. Dias Costa, funcionario muito zeloso. Estes valores estavam contidos em dois cheques. Estes cheques foram metidos num envelope, com grandes cautelas, enviados para o ministerio dos Estrangeiros, num oficio, conhecido agora pelo oficio X. O oficio numero tal, ou seja o oficio X foi entregue ao servente José Pereira, a quem chamam o José das Castanhas, e no dia 19 de Fevereiro levado pelo proprio servente foi entregue nos Estrangeiros ao continuo José Nunes, que visou o protocolo, e pôs o oficio X sobre a mesa do sr dr. Gonçalves Teixeira.

Sucedeu apenas que o oficio X — desapareceu misteriosamente.

Desaparecidos os documentos ou valores, foi logo feita queixa á policia? Ter-se-hia mesmo dado logo pelo roubo? Não sabemos. O sigilo nos Estrangeiros nunca foi maior. Fala toda a gente no caso, mas á superficie. Impenetrabilidade completa.

Devemos dizer que já ha tempo, nesta poeira de boatos e informações que chegam aos jornais, e nós desprezamos por inconvenientes, nos tinha chegado a «novidade» de que houvera uma tentativa de roubo diplomatico no Ministerio dos Estrangeiros. A nota curiosa nesta informação estava em que se tratava de um assunto ligado com o Ministerio das Colonias. Moçambique? o convenio? A resposta a um famoso *memorandum* de que se fala, enviado pelo «Foreign Office»?

Aqui cabe uma pergunta: como sabia o ladrão que nesse dia 19 devia vir do ministerio das Colonias o oficio X confidencial? Não teria sido esse oficio sonhado sem se saber o que continha, supondo-se apenas que nele se guardasse o precioso documento diplomatico que interessassem a qualquer mau intuito patriotico?

O que se sabe—neste misterio que a policia aumenta ameaçando de prisão qualquer funcionario que dê agora um informe insignicante que seja—; o que se sabe é que um socio de José Cabedo e de Abel Coelho, o portador do cheque falso, é Antonio Teles de Vasconcelos, expulso de Portugal pelo presidente Sidonio Pais, como espião, e suspeito á policia inter-aliada.

E agora sabe-se mais: ante-ontem, pela meia tarde o tenente-coronel José Cabedo estava nas Necessidades, falou com o dr. Domingos Pereira, com o dr. Gonçalves Teixeira e com o dr. Oliveira Soares, isto é: com o ministro e com os directores gerais dos negocios comerciais e consulares.

Para quê? Chamado pelo ministro? Suspeito já? De motu proprio?

Interrogações para todos nós.

Ontem a azafama na Investigação foi enorme, rodeada do misterio que o caso novelescamente requer. Esteve ali o sr. dr. Gonçalves Teixeira; foram ouvidos o continuo José Nunes, que chegou a ser preso e logo posto em liberdade, o capitalista Ocheñaga que se prontificou a indenizar os bancos das libras pagas a descoberto, e foram presos, além do tenente-coronel José Cabedo de Vasconcelos, o socio Abel Coelho, Antonio Teles de Vasconcelos e Fernando Galrão, empregado comercial, que nada tem com o caso.

Hoje a policia, que está na posse do processo do espolio, e guarda todas as declarações do dr. Gonçalves Teixeira, continuou a averiguar, não sendo possivel colher do sr. dr. Paulo Menano qualquer informação.

No ministerio das Colonias o caso provocou sensação entre o pessoal, que por sinal está quasi todo de braços cruzados, chegando a atribuir-se a noticia da demissão do sr. dr. Rodrigues Gaspar a este sucesso, o que manifestamente é inverosimil. A confirmar-se o hoato do desgosto do sr. ministro das Colonias—a causa será outra.

* * *

O sr. dr. Santos Monteiro, auxiliado pelos agentes Pereira dos Santos e Albertino Ferreira, procedeu hoje a varias deligencias interrogando demoradamente, no seu gabinete, os srs. Abel Coelho e Fernando Galrão.

Estes presos deixaram de estar incomunicaveis e estão com homenagem no patio do governo civil, onde passeiam e conversam com as pessoas de familia e varios amigos.

Foi esta tarde preso um terceiro oficial do ministerio dos Estrangeiros, por suspeita de ter sido o culpado do desaparecimento dos cheques.

A TARDE PARLAMENTAR

O CHEFE DO GOVERNO AFIRMA QUE OS FUNCIONARIOS

estão de mãos dadas com os elementos anarquistas

A's 15,30 o sr. presidente declara que estão presente 44 deputados.

E' dada a palavra ao sr. Cancela de Abreu que protesta contra a proibição do acto procissional nos claustros do mosteiro de Santos-o-Novo, atribuindo o caso a cobardia das autoridades. Pede ao governo que investigue e castigue quem exorbtiou, pedindo-lhe ainda a sua atenção para o facto de ter sido tirada uma parte do referido mosteiro ás Senhoras da Ordem de São Tiago da Espada, com o fim de ali se instalar ilegalmente uma escola.

O sr. ministro da Agricultura, unico ministro visivel, por emquanto, promete transmitir essas considerações ao governo.

* * *

Prossegue a discussão do projecto que estabelece as persentagens adicionais ás contribuições directas do Estado que formam o imposto directo a favor dos corpos administrativos e que devem recair apenas sobre as contribuições industrial e predial.

Fala sobre o assunto o sr. Morais de Carvalho que se alonga em considerações juridicas.

* * *

O presidente anuncia que o deputado Cancela de Abreu deseja tratar em negocio urgente da grave revelação feita pelo «Seculo» de hoje, ácerca da emissão de selos comemorativos do «raid» aereo Lisboa-Brasil.

Apenas três ou quatro deputados aprovam a urgencia.

O sr. Cancela de Abreu:

—E' uma exploração infamante! Uma negociata em que o Estado colabora! Não querem que se esclareça!

* * *

O sr. Pedro Pita, em nome da Comissão de Legislação, manda para a mesa um parecer referente ao projecto de lei de regulamentação do jogo.

A sessão está decorrendo sem interesse.

* * *

O sr. presidente anuncia que o deputado Torres Garcia deseja tratar, em assunto urgente, da greve do funcionalismo.

O sr. Torres Garcia afirma ter-se iniciado em alguns ministerios a greve de braços caídos. Considera o caso grave e perigoso para a ordem social. Um atentado ao respeito que se deve á lei e ao Parlamento. Pregunta ao sr. presidente do ministerio, se é verdade o que os jornais disseram, sobre o caso, e quais as providencias que tenciona tomar para evitar que o movimento se transforme numa greve geral. Já que o governo não embaratece a vida que mantenha, ao menos, a ordem publica.

* * *

O chefe do governo confessa que os funcionarios publicos andam ha muito tempo a arripiar caminho. Publicaram um manifesto que, não se recomendando por coisa alguma nunca devia ter vindo a publico. Na classe dos funcionarios do Estado estão anarquistas antigos, individuos que escrevem na «Batalha», incitadores de crimes que o Estado tem tido a complacencia de ter ao seu serviço.

Refere-se a «um tal Monteiro» do ministerio das Colonias e diz que se o apanha em qualquer cousa, não deve ficar com vontade de se meter noutra.

O adiantado da hora não nos permite dar o relato do resto do discurso do sr. Antonio Maria da Silva, que está falando entre os aplausos unanimes da Camara.

Doenças da boca e dos maxilares

Extracção de dentes e raizes — com anestesia — Dentes artificiais

Em consulta especial para as classes menos abastadas e a preços de policlinica ás 10 horas no

Consultorio do Dr. Ferreira Pires

R. Jardim do Regedor, 51, 1.º